

# Taxa menor amplia chances com credores

ARNOLFO CARVALHO  
Da Editoria de Economia

A queda de um ponto percentual na taxa preferencial de juros, em menos de um mês, representa para o Brasil não apenas a economia teórica de US\$ 750 milhões nos pagamentos de juros, se mantida durante doze meses: mais do que isso, a **prime rate** de 12% significará nos próximos dias, quando for reaberta a negociação da dívida externa, a garantia de melhores condições na rolagem das amortizações que vencem a partir de janeiro, já que o governo tentará jogar com a hipótese de uma taxa média de juros no mercado europeu (Libor) em torno de 10% para o próximo ano, viabilizando o projeto de não precisar de "dinheiro novo" e ainda assim manter as reservas elevadas.

Mas nada assegura que a queda da **prime** registrada agora não possa ser revertida logo após a eleição norte-americana do próximo dia 6. Menos certeza existe quanto ao próximo ano, pois tudo vai depender da conjugação de diversos fatores que influem na política econômica norte-americana - a começar pela questão do ritmo de crescimento, taxa de inflação, relação entre o dólar e outras moedas fortes, déficit americano e política monetária do Federal Reserve. Os próprios analistas do mercado americano estão divididos, como sempre, quando se trata de fazer previsão sobre o custo do dinheiro a médio e longo prazos: alguns acreditam até mesmo que a tendência se

queda observada até agora reflète a segurança do resultado eleitoral esperado, não mais do que isso.

Há cerca de trinta dias, durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional, os primeiros indícios concretos de queda na **prime rate** foram interpretados como um reflexo do menor crescimento verificado na economia americana no trimestre anterior, já que esta desaceleração equivale a menor procura por crédito da parte das empresas; incluiu também o sinal, emitido pelo Fed, de que haveria maior disponibilidade de dinheiro nos bancos, já que a inflação estava sob controle. Nos dias seguintes, bancos de primeira linha acompanharam, com cautela, a baixa iniciada por instituições de médio porte. A redução geral para 12% já era esperada, embora os bancos preferissem aguardar algum tempo para mudar seus programas de computador, pelo custo operacional que isto sempre apresenta.

Para 1985, entretanto, nada indica que a tendência baixista se mantenha, mesmo porque continua inalterada a causa original das elevadas taxas de juros que é o déficit orçamentário dos Estados Unidos, estimado oficialmente em US\$ 175 bilhões no exercício encerrado no mês passado. A previsão do governo americano foi ultrapassada, e nada foi feito para garantir a redução deste déficit para US\$ 170 bilhões no próximo ano. co-

mo se promete nesta fase pre-eleitoral. De qualquer forma, não se pode negar que houve pelo menos um esforço de contenção dos gastos governamentais não cobertos pela arrecadação fiscal, pelo menos em relação ao déficit recorde de US\$ 195 bilhões no ano passado - e isso talvez esteja influenciando o mercado financeiro neste momento.

Do lado brasileiro o que interessa é notar a extrema vulnerabilidade de nossas contas externas às flutuações do custo do dinheiro em Nova Iorque: basta um aperto de liquidez, ou a explosão de uma crise internacional mais séria, para jogar por terra todas as estimativas otimistas que indicam o pagamento de apenas US\$ 10 ou US\$ 11 bilhões de juros da dívida brasileira no próximo ano. E como a próxima negociação tentará englobar vários anos, sem pedir nenhum dinheiro novo e mantendo a promessa de pagar os juros anuais só com recursos gerados pelas expostações, o Brasil poderá se ver de uma hora para outra em situação idêntica à dos últimos dois anos - ou seja, sem dinheiro para pagar nem os juros externos. Para que isso aconteça, basta ocorrer nova explosão das taxas americanas, o que ninguém pode descartar. Daí a necessidade de uma renegociação global da dívida externa, que inclua tanto as amortizações quanto as enormes parcelas de renda líquida transferidas anualmente ao exterior, sob a forma de juros.